

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo Class.: 22

Data: 03/12/88 Pg.: _____

Geral

A fumaça que alertou as entidades ambientalistas internacionais para o problema das queimadas na Amazônia, sinalizou apenas a parte mais visível de um grave problema. Atrás dela há outras violentas formas de agressão à floresta, como a invasão e abertura de pastagens.

190 Floresta: comprometida e agredida.

Quando as primeiras chuvas dissiparam a fumaça das queimadas, há três semanas, o cacique Warina, dos Uru Eu Wau Wau, pôde ver nitidamente que o fogo havia devastado os limites de sua reserva. Mas isso não significou nada, comparado ao que se viu no resto do Estado de Rondônia: 23% de sua área - o equivalente a 37 vezes o município de São Paulo - estão reduzidos a restos calcinados e troncos enegrecidos.

Há pouco mais de uma década - em meados dos anos 70 - quando Warina e seu povo ainda eram índios bravios, a floresta tropical úmida recobria 99,05% de Rondônia. Por esta época, estavam recém-chegando os colonos do Sul, atraídos pelo governo. Em nome da segurança nacional - ditava o governo militar - era preciso ocupar os vazios demográficos.

Os colonos produziam maciças queimadas, para conquistar seu direito à terra (queimada era medida de produtividade), quando começaram os primeiros contatos com os Uru Eu Wau Wau. Em 1985, apenas 3% de Rondônia estavam desmatados. Cinco anos depois, em 1985, quando José Sarney assinou a demarcação de reserva de Warina e sua gente, uma espécie de corrida ao pasto estava acontecendo no Estado.

TERRA IMPRODUTIVA

Os grandes proprietários, que haviam comprado em leilões do Governo, nos anos 70, grandes áreas para criação de gado e plantação de cacau, estavam agitados com o Plano Nacional de Reforma Agrária. Muitas dessas áreas tinham sido deixadas como reserva de valor, mas agora anunciava-se a desapropriação da terra improdutiva. A pressa em queimar extensas áreas, para semear capim até mesmo com o uso de aviões, não poupou do fogo sequer as matas nobres.

Pouco depois, o Plano Regional de Reforma Agrária de Rondônia, resultou na invasão de terras destinadas a este fim, e outras de particulares. As vésperas das eleições de 1986, políticos mandavam o eleitorado invadir. "Eles diziam: pode invadir que depois nós damos um jeito de regularizar" - conta-se largamente em Porto Velho. Assim, cerca de 800 mil hectares foram subitamente ocupados por 10.265 famílias, que se ajeitaram em lotes dos mais variados tamanhos. E começaram com as queimadas.

"Isso tudo resultou no maior índice de desmatamento registrado no Estado" - diz um funcionário do governo. Só em 1985, revelam dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, foram destruídos 10,6% da floresta em Rondônia.

POLO NOROESTE

O cacique Warina e seu povo ainda não sabem falar português. Vivem no centro de um Estado de 243 mil quilômetros quadrados, que chegará ao fim do ano com cerca de 58 mil quilômetros quadrados. Rondônia perdeu. Mais de 24% de sua floresta. Em 1984, a rodovia que corta Rondônia de Sul a Norte - a BR-364, Cuiabá-Porto Velho - foi asfaltada. O Banco Mundial (BIRF), que financiou a obra, dentro de um projeto chamado "Pólo Noroeste", fez uma exigência: os índios da região deveriam ser protegidos do impacto da estrada. O governo brasileiro criou reservas indígenas, que hoje somam 17. "Mas todas elas, e algumas reservas biológicas, estão invadidas" - diz o técnico do governo, e onde há invasão, há queimada.

Pode-se dizer que as queimadas que investiram contra a reserva dos Uru Eu Wau Wau começaram a 436 quilômetros - em Porto Velho, a Capital. Pois descendo pela BR-364 viaja-se por um cenário interminável de queimadas. As terras das margens da rodovia não estão mais com os pequenos colonos, as

18 mil famílias pioneiras chegadas na década passada e assentadas em uma faixa de seis quilômetros de cada lado da estrada. Hoje são as grandes fazendas, com grandes queimadas.

Os pequenos estão no fundo, bem no interior. Ou são empregados, como Sidney Mariano, que chegou há ano e meio com a mulher e dois filhos de Foz do Iguaçu ("lá, não tinha trabalho") e por estes dias começou a abrir as terras de seu patrão, nas margens da BR. "Fazer o acero, com quatro homens, durou um mês. Mas queimar foi rápido. A gente corta pedaços de pneu velho e põe numa estaca de forquilha. Bate o binga (uma marca de isqueiro) neles e o fogo começa. Com quatro 'pé de fogo' desses, e mais o vento, queimou tudo em uma noite".

OURO PRETO DO OESTE

A filosofia da boa queimada diz: "Queimada boa é a que zera a terra". Mas isso não é tão fácil. A fazenda Jamari, que se expande em duas margens da rodovia, existe vistosa queimada em uma delas. Assim que o capim crescer, o gado vai entrar nessa terra, apesar do emaranhado de troncos caídos uns sobre os outros, queimados. "Mas na quarta queimada, daqui a quatro anos, vai estar tudo limpinho" - dizem os empregados.

Na margem oposta da BR-364, a fazenda avança sete quilômetros para o interior. Um a mais do que a faixa originalmente destinada aos primeiros colonos. Na grande maioria dos casos, a terra era ruim (as áreas foram abertas sem estudos de solo) e os primitivos colonos a deixaram para trás. Foram abrir outras terras, cada vez mais dentro da floresta. Muitos foram parar nas reservas indígenas.

Os colonos eram assentados ao longo de "linhas, como são chamadas as estradas que avançam da rodovia para o interior - ao redor das quais estavam os terrenos de 500

metros de frente por 2.000 de fundos. As "linhas" criaram vida própria; foram rapidamente "espichadas" (como se diz aqui) e investiram cada vez mais fundo para o interior. Os posseiros se instalavam. Os técnicos do Incra, o extinto Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (que foi uma espécie de governo paralelo em Rondônia) vinham atrás. Cadastravam os posseiros e contratavam a abertura de estradas.

O primeiro centro de colonização foi Ouro Preto do Oeste, 335 quilômetros ao Sul de Porto Velho, nas margens da BR-364, onde o Incra tinha uma pequena cidade para seus funcionários. E hotel com 12 apartamentos e suíte presidencial. Ouro Preto do Oeste é hoje um dos 11 municípios da região cortada de sul a norte pela rodovia, onde vivem 1,3 dos 1,5 milhões de habitantes de Rondônia (incluindo os que chegaram em projetos mais recentes e racionais de colonização). Esse município e seus vizinhos - Paraná e Presidente Médici são os mais afetados pelo desmatamento. A reserva dos Uru Eu Wau está nessa região.

Cinco quilômetros antes de Ouro Preto do Oeste, vindo-se de Porto Velho para o sul, está a linha 81. Nasce na BR 364 e corre para Oeste. "Só não bateu na Bolívia porque tinha o Parque Nacional e a Reserva dos Índios no caminho" - diz-se por aqui. Pela linha 81 entraram os posseiros, os pequenos comerciantes, as serrarias, os torreiros - donos de caminhão que compram, extraem e transportam toras de árvores nobres. Começaram a surgir pequenos lugarejos.

INVASÃO

No dia 22 de agosto de 1979, um apixaba que estivera no Paraná e resolvera conquistar Rondônia, João Krugel, liderou uma invasão. Foi chegando gente, se juntando, nas o Incra não resolvia. Então decidimos" - diz hoje. Eram em oito homens na linha de frente da inva-

são. Escolheram um ponto da floresta habitada por remotos seringueiros, e fizeram suas palhoças. "Cortávamos seringa e caçávamos para comer. Para comprar qualquer coisa levamos a borracha à União, cidadezinha onde a estrada chegava, eram 18 quilômetros a pé, com a borracha nas costas". O pior inimigo, contudo, era a malária, "que matou muita gente". Em junho de 1982, foi rezada a primeira missa no lugar. Hoje, Mirante da Serra (nome dado por Krugel e sua mulher Regina) é uma cidade de 12 mil habitantes - lugar onde o sol bate a terra nua.

No auge do desmatamento, havia ali 32 serrarias. Antonio Val Morbida, encarregado de uma das sete que restaram, trabalhava na serra: "Eu sozinho serrava de 800 a 850 metros cúbicos por mês" - diz. "Hoje tem torreiro que vai a 80 quilômetros de distância buscar madeira". Os torreiros são homens usados: "Entram com o caminho onde ninguém imagina e tiram madeira" - disse a eles, na cidade. O gaúcho Omar Mittang é um torreiro mas parece comportado, com seu Ford 62 e um ajudante. "Só compro dentro da lei, com a guia do IBDF" - diz. Antes das queimadas, os donos dos sítios vendem a madeira nobre. Um metro cúbico de mogno vale Cz\$ 8.000,00. "Em um ou dois anos, a madeira aqui acaba" - diz Mittang.

Mas as reservas florestais estão bem perto. "Nessas tem que ir com o maquinário, abrir a estrada e tirar a madeira rápido" - diz um outro torreiro. Adiante de Mirante da Serra, a estrada que vara uma apocalíptica sequência de queimadas leva ao Parque Nacional do Pacas Novos. A ponte de acesso, sobre o rio do mesmo nome, está sem as cabeceiras. Dentro do parque, amplos alojamentos de um posto do IBDF fazem vazios. Torneiras secas. O posto está abandonado. "Tem oito meses que estão fechados" - diz um vizinho próximo, Manoel Oliveira.

AGRADOS

Os colonos do fundão, dos fins de linha, são donos de áreas que medem 21 alqueires para mais. Ou parentes dos donos. Estes geralmente compraram "o direito" de outros proprietários. O lote de 21 alqueires vale de 1,5 a cinco, seis milhões de cruzados, dependendo das benfeitorias. Plantam-se café e cacau, e a roça de arroz e milho. Joaquim Cordeiro, paranaense, queimou três alqueires para isso. Em seu lote havia uma árvore de base descomunal, coisa de cinco metros de diâmetro. "Aqui a gente chama figueira" diz o lavrador. "A madeira é mole, só dá para compensado. Não tem valor". Portanto, Cordeiro a derrubou.

Uma variante do caminho para Pacas Novos (a 100 quilômetros da BR-364) leva de queimada em queimada à reserva dos Uru Eu Wau Wau. O Cacique Warina, seu parente Mohan e suas crianças - e a bela menina Moroham - vieram do interior da área. O cacique parece não gostar das queimadas. Mas não se mostra surpreso com elas. Os Uru Eu Wau Wau também não gostam de invasores: este ano mataram três garimpeiros, a flechadas. O chefe do posto da Funai nessa parte da reserva, Manoel Gomes da Silva, diz que em abril foram retirados posseiros invasores. "Deixaram grandes desmatamentos aqui na reserva" - diz. Estes invasores, como os madeireiros, são mais cuidadosos: agradam os índios com presentes, como facas e espingardas.

No ano passado, uma madeireira de Ji Paraná abriu uma estrada dentro da reserva dos Uru Eu Wau Wau e começou a retirar madeira. "Todo dia saíam caminhões e caminhões carregados" - diz a vizinha. Foi na época em que a Funai assinou contratos sigilosos com madeireiras, para extração de mogno e cerejeira das áreas - fato muito noticiado.